



O PRÉ-DESENHO EM CRIANÇAS UMA ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO BIO-MOTOR

Patrícia Cerqueira Vasconcelos

UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Letras e Artes
pcvuefs@yahoo.com.br

Emiliano Gonçalves de Jesus

UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Letras e Artes
luanino4@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade ressaltar a importância do grafismo infantil, a partir de análises do seu desenvolvimento bio-motor – o amadurecimento dos músculos e da coordenação motora - enaltecendo a psicomotricidade – desenvolvimento intelectual e a evolução da coordenação motora - e sua evolução durante o ato gráfico – ato de rabiscar. Este se dá no desenvolvimento psicológico, social, bio-motor e cognitivo – de aprendizagem - da criança. Assim, os desenhos que comumente se constituem sem significado, significam tudo aquilo que a criança faz por prazer ao riscar o papel e que significa um amadurecimento e uma evolução gráfica. Em realidade, os grafismos são de suma importância enquanto material de pesquisa para análises e estudos; pois mostra como a evolução gráfica se processa no nível da motricidade, bem como a relação dos mesmos no contexto em que estas crianças estão inseridas.

Palavras-chave: desenvolvimento bio-motor, coordenação motora, evolução gráfica.

ABSTRACT

The present work has the purpose of calling the attention on the importance of the child drawings, departing from its bio-motor development - the matureness of the muscles and the motor coordination - highlighting the psychomotricity - intellectual development and the evolution of the motor coordination - and its evolution during the graphical act - act of scribbling. This takes place in the psychological, social, bio-motor and cognitive development of the child learning, thus, the drawings that are commonly taken as without meaning are in fact, everything that the child does for pleasure when scratching out the

paper and demonstrating a maturation and a graphical evolution. In reality the drawings are of utmost importance, while material research, for analyses and studies. It reveals as the graphical evolution processes in the level of the motricity as well as the relation of the drawings in the context where these children are inserted.

Key Words: bio-motor development, motor coordination, graphical evolution.

1 Introdução

Durante muito tempo, o desenho infantil foi desconsiderado por que presumia-se que não servisse para nada. Os rabiscos que as crianças faziam não possuíam nenhum significado para o adulto; com o passar do tempo, percebeu-se que esses rabiscos eram cheios de significado, pois neles existe tudo que uma criança percebe e sente do mundo à sua volta. Muitos estudiosos realizaram trabalhos a respeito do grafismo infantil, contudo, eles afirmam que a fala e o meio social onde a criança vive são determinantes na construção desses rabiscos; influenciando a maneira e as formas como eles se realizam. Vygotsky, citando C. Buhler (p. 23), fala que as primeiras manifestações de inteligência prática da criança se dão a partir dos 6 meses de idade e não somente com o uso de instrumentos; desenvolvem-se também os movimentos sistemáticos, a percepção, o cérebro e as mãos; na verdade o seu organismo inteiro se mobiliza. Em consequência disso, os sistemas de atividades da criança são determinados em cada estágio específico pelo seu grau de domínio no uso dos instrumentos utilizados. Buhler fala que a criança apresenta alguns pontos semelhantes ao pensamento do adulto; o que diferencia o pensamento do adulto e o da criança é a experiência social no seu desenvolvimento.

O objetivo do presente trabalho é fazer uma análise do “pré-desenho” infantil em crianças de 9 meses a 24 meses de idade que, é desprezado tanto na escola quanto em casa sem o reconhecimento devido, e que é visto apenas como um meio para a criança ficar quieta e entretida enquanto “rabisca”. A análise dos desenhos escolhidos se desenvolverá através da observação do desenvolvimento bio-motor da criança. Esta tarefa será realizada englobando alguns desenhos tanto realizados na escola quanto realizados espontaneamente em casa. A sustentação teórica deste trabalho é baseada nas idéias de Boscaini, principalmente sua obra denominada *Psicomotricidade e Grafismo da Grafomotricidade à Escrita*.

A metodologia utilizada neste trabalho consta os aspectos sociais, neurológicos, fisiológicos e motor das crianças, bem como tais aspectos que influenciam na construção dos desenhos. Abordados conforme sua coerência descritiva, também foram colocados alguns desenhos da faixa etária já trabalhada, ilustrando, dessa forma, cada fase importante sobre as quais o texto discorre. Sendo assim, faz-se necessário, nesses termos, esclarecer o que se entende por pré-desenho no decorrer do presente trabalho, significando assim tudo aquilo que a criança faz por prazer ao riscar o papel e que isto significa um amadurecimento e uma evolução gráfica. O desenvolvimento bio-motor dá-se durante a evolução da motricidade no desenvolvimento biológico, auxiliando na grafia da

criança na fase pré-escolar.

2 O grafismo infantil sob a visão de alguns autores

A professora Silvia Maria Cintra¹ realizou uma pesquisa de mestrado na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), sob a orientação da Professora Dr^a Maria Cecília Rafael de Góes, onde fundamenta seu trabalho destacando diversos autores com o propósito de reforçar a sua tese, procurando mostrar as condições sociais da constituição do desenho infantil. Em seguida, descreve a sua trajetória como investigadora numa creche particular que atendia gratuitamente crianças de 0 a 12 anos, pertencentes a classes populares, para em seguida detalhar sobre como acontece o processo da constituição do desenho infantil e conclui com as considerações finais sobre o trabalho. Cintra reúne alguns autores, como Lowenfeld (1977), Luquet (1981), Luçart (1988) e Goodnow (1979), Kellogg (1969) e Merèdieu (1979), dentre outros, que universalizam o desenho na perspectiva maturacionista que, segundo Lowenfeld (1977, p. 18), “para que a criança possa começar a fazer seus primeiros traços, é necessário que haja um amadurecimento nas áreas neuromotoras, socioafetiva e cognitiva, que geralmente se dá em torno dos 18 meses de idade”.

Neste sentido, a criança com 18 meses de idade iniciará a produção de suas garatujas de forma casual e sem intencionalidade. Aos poucos, ela começará a apresentar intencionalidade. Numa etapa posterior, a criança começa a nomear as garatujas, de forma insipiente e mutável onde, aos poucos a nomeação passará a acompanhar o desenho podendo antecipar o que se pretende a realizar. Só por volta dos 6 anos as crianças desenharão de maneira que o adulto possa reconhecer o significado.

Para Lowenfeld, (in Silvia, 2002), existe uma caracterização de etapas que se apóia em uma visão maturacionista do desenho, onde a produção é concebida e desvinculada do meio social e da cultura. Todas as crianças passam por determinadas fases ou estágios, independentemente do contexto em que estão inseridas. De modo geral, segundo a autora, a criança focalizada por essa tendência está solta no tempo e no espaço, sem vínculo de qualquer espécie, a não ser o biológico. Quando o meio social é mencionado, acontece de forma muito superficial, sem uma preocupação mais detalhada em relação a sua influência ou participação no curso de transformações da produção gráfica. Silvia enfatiza ainda, a importância da fala no processo do grafismo. Afirma que o impacto da fala sobre o desenho é evidenciado em seu deslocamento ao longo do desenvolvimento gráfico. Inicialmente, a criança só nomeia seu trabalho após terminá-lo. Aos poucos, a nomeação passa a acompanhar a produção e, ao final desse processo, a criança declara com antecedência o que deseja produzir graficamente. A fala, nas dimensões comunicativa e auto-organizadora, é reconhecida no presente trabalho como principal

¹ SILVA, Silvia Maria Cintra da. **A Constituição Social do Desenho da Criança**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

elemento de análise da constituição social do desenho.

Em Wilson e Wilson (1982, p.22), destacam-se por reconhecerem a influência exercida pelo contexto social na produção gráfica, ao afirmarem que “não existe alguém que não seja modificado pelas características de sua época e espaço”. Em 1992, para estes os desenhos são signos configuracionais que são aprendidos através da observação de outras pessoas desenhando.

Diante da perspectiva histórico-cultural, segundo a qual a constituição do homem se dá no plano da intersubjetividade, Silvia Maria destaca Vygotsky como um dos principais proponentes desta abordagem e se inquieta pelo fato de que o mesmo não explora profundamente a constituição social do desenho. Em uma de suas obras, Vygotsky apresenta uma abordagem baseada em etapas que foi dividida em quatro fases sobre o desenvolvimento do grafismo. A perspectiva histórico-cultural permite criticar e superar as concepções maturacionistas a respeito do grafismo porque possibilita ver o desenho como signo empregado pelo homem e constituído a partir das interações sociais.

Quanto à inserção do desenho no processo pedagógico, Cintra verificou ainda concepções que oscilam entre dois extremos: ora a atividade gráfica é destituída de valor educacional, desvinculada de qualquer contexto significativo, ora se exige uma extrema instrumentalização do desenho, que deve ser ensinado, dirigido e treinado para aprimorar a coordenação perceptomotora ou outra esfera do desenvolvimento. A escolarização, em tese, potencializa situações nas quais a criança possa desenvolver-se de modo efetivo, elaborando, modificando e ampliando seu repertório gráfico, pois o contato com colegas e professores, a depender do trabalho pedagógico, pode ser extremamente enriquecedor, já que o tempo toda a criança é convidada a ver e pensar sobre as produções alheias e as suas próprias ações gráficas; assim, a autora busca focalizar condições sociais implicadas na atividade gráfica da criança. Através da sua análise Cintra constatou indícios de desenvolvimento em termos de coordenação de movimentos e refinamento da percepção ligada a níveis freqüentes de elaboração conceitual dos objetos, tanto no que diz respeito aos aspectos intelectual e afetivo, quanto ao domínio da operação de representação gráfica sobre superfícies. Neste sentido, acredita-se que durante o desenvolvimento da representação figurativa, certamente participam os fatores maturacionais. Contudo, pretendeu-se privilegiar a dimensão social na dinâmica da atividade de desenho. Ainda que o desenvolvimento do grafismo seja marcado pelo real e pela cultura, é através das interações sociais que é mediada a linguagem. Cintra finaliza explicitando sobre a importância de um maior conhecimento do professor sobre a atividade gráfica como processo que envolve ações compartilhadas entre sujeitos, gerando desenvolvimento e aprendizagem:

O conhecimento e a fruição trazem oportunidades de uma compreensão maior acerca das inúmeras possibilidades de representação do mundo e, conseqüentemente, também uma maior compreensão sobre o desenho infantil. (Cintra,2002, p. 132)

Ao desenho infantil nem sempre foi dada a devida importância. Os avanços neste campo foram intensificados a partir do século XX, quando os estudiosos perceberam a sua importância não só para a área da psicologia e da psicanálise, mas para todo um contexto sociocultural em que a criança estava inserida. Pode-se observar várias questões relativas ao desenho, evidenciando que é “uma área mal reconhecida”, denominada por Archer, “pura e simplesmente, Desenho; e que todo o saber humano é transmitido através da educação formal”. Percebemos que tudo que vemos com os nossos olhos, foi antes imaginado por alguém, aquele que desenha, e concretizado com a materialização do objeto; até mesmo a caneta que utilizamos para escrever, antes de existir, foi desenhada. O autor assim estabelece uma relação entre a natureza, seus elementos e o desenho ele atribuiu formas e cores a elas. A primeira figura geométrica que representa é o quadrado e a cor vermelha; cor que pode ser associada à vida, ao calor, à paixão, ao patriotismo, à revolução, à liberdade, ao espírito. As humanidades são representadas pela figura do círculo e pela cor azul, que simboliza o dia, a calma, o pensamento, o sentimento, a ternura, a devoção, a verdade, a filosofia e a educação, e a área dos desenhos é representada geometricamente pelo triângulo, e a cor é amarela, que está associada ao sol, à luz, à claridade, à disseminação, à compreensão, à generalização, à intuição, ao intelecto, aos valores elevados, à divindade. Mostra ainda que o Desenho está presente em várias áreas do conhecimento e a nossa volta. Nas ciências humanas, por exemplo, vemos a importância da educação na criação e construção do conhecimento a respeito do desenho. De acordo com VIDAL, o desenho é uma das primeiras formas da expressão humana que compõem o mundo natural. No desenho infantil, desenvolve-se um processo particular onde facilmente se identificam e nomeiam-se objetos e situações familiares para elas; são traços livres e aparentemente descuidados onde as crianças parecem aprender por conta própria, mesmo antes de dominar a linguagem e interagir com seu meio:

O desenho é a manifestação de uma necessidade vital da criança: agir sobre o mundo que a cerca; intercambiar, comunicar. A criança projeta no desenho o seu esquema corporal, deseja ver a sua própria imagem refletida no espelho do papel. Os traços, os rabiscos, as garatujas estão ali, à sua mostra, escondendo os índices de uma realidade psíquica não imediatamente acessível, exibindo uma atividade profunda e inconsciente.(Derdyk, 199, p.51).

O texto Desenho, Conhecimento: em direção à construção de sua epistemologia (Ferreira, 2000), mostra vários procedimentos², colocando várias preocupações com relação ao desenho como linguagem. Outro ponto é com relação aos profissionais que atuam ou estão diretamente envolvidos com esta área de conhecimentos e para saber como percebem e iniciam o Desenho no contexto das suas áreas de formação e atuação. A

² FERREIRA, Edson Dias. Desenho Conhecimento: em direção a construção de sua epistemologia. Anais do IV congresso Internacional de Engenharia Gráfica nas Artes e no Desenho e 14º Simpósio Nacional de Geometria Descritiva e Desenho Técnico. Ouro Preto, MG, 2000.

terceira se dá a partir da possibilidade de formular uma construção, cuja argumentação apresente um nível de profundidade capaz de fazer com que o profissional envolvido com o universo da representação gráfica, e mesmo com outros segmentos, possa perceber o Desenho segundo uma área de conhecimento que se legitima também pela construção de um discurso que pode ser desenvolvido a partir do que se desenha. Trata também dos vários significados que a palavra desenho possui no meio acadêmico, e de como o desenho está intrinsecamente ligado à linguagem. A aptidão para a representação é inata e, por vezes, nos sentimos inibidos, principalmente quando atrofiada em relação à linguagem.

Moreira (Em Busca do Desenho, 3) trata do desenho infantil e como o professor sendo o responsável por desenvolver o lado lúdico da criança: “há momentos de volta ao passado para resgatar o seu universo lúdico, há em outros momentos saltos para o desconhecido, o desprender-se e avançar em busca do inusitado: é o momento da criação, que se alimenta do mergulho no universo interior e se lança em busca do novo”. É preciso que esses profissionais estejam preparados e que tenham experimentado as diversas técnicas e possibilidades discursivas acerca do desenho. É necessário que os sentimentos também estejam aflorados para que o ato de desenhar se faça de forma espontânea, em busca do próprio desenho, de reencontrar a linguagem perdida na infância e assim desenhar com as palavras, com a música, com as cores, com os gestos e também se aventurar em outras linguagens, recriando seu espaço lúdico.

Albano relata ainda através de sua própria experiência com o desenho livre e constata que a maior parte deles são cópias do natural realizados em aulas de desenho e que bem cedo as crianças deixavam de desenhar, alegando não o saberem ou apenas repetindo esquemas aprendidos. Observando o desenho infantil fora do ambiente escolar, percebe-se quanto o desenho interage junto ao cotidiano das crianças em sua vida como um todo, mostrando que a educação deve ser transformadora e criadora.

A “Epistemologia do Desenho (Souza e Amaral, 2000)”⁴, mostra a evolução do desenho como fonte do conhecimento e descoberta do homem enquanto ser capaz de transformar a sua própria realidade através do desenho, e interferindo na cultura das idéias e nas culturas comportamentais; promove o desenho reflexões substanciais nos meios em que está inserido, sugerindo novas linguagens. Ainda ligado às novas concepções do desenho, em “Um Ensaio de abordagem”, consta o desenho como sendo capaz de

³ MOREIRA, Ana Angélica Albano. Em Busca do Desenho. In: **O espaço do Desenho: A educação do educador**. 3ª ed. São Paulo: Ed. Loyola.

⁴ SOUZA, Ana Rita; AMARAL, Maria da Conceição. Epistemologia do Desenho. (História, evolução, significados e fundamentos filosóficos). **Anais do I Congresso Internacional de Engenharia Gráfica nas Artes e no Desenho e 12º Simpósio Nacional de Geometria e Desenho Teórico**. Ouro Preto, MG.

interferir nas vidas das pessoas e com a sua imaginação. O desenho é sobretudo uma representação de algo, seja num suporte material, seja na própria mente, seja do visto, seja do imaginário. É manifestação, é síntese, é concepção, é signo, e como tal, é uma das formas do ato sêmico. É definido como aquele dotado de intencionalidade, podendo ainda ser visto como uma das formas de concretizar a emoção ou, ainda, enquanto projeto, como uma espécie de vanguarda da materialização propriamente dita da idéia. E nos questiona: “de quantas maneiras se podem desenhar”. O desenho é muito mais do que uma profusão de pontos, linhas e manchas. São, principalmente, uma das possibilidades de realização da comunicação humana. Desenhar é um ato eminentemente social.

Do desenho como representação de algo como concretizador das emoções ou idéias, é o que trata o texto *Desenho: uma reflexão conceitual* (in Damasceno). A concepção do desenho se constitui em essência como questão universal e de natureza humana e não pode continuar a ser visto como entidade particular de funções estratificadas, mesmo que utilitárias diante do processo de globalização cultural e do mercado produtivo. O profissional de desenho deve desenvolver a capacidade de analisar contextos que antes lhes eram alheios e, portanto, desconhecidos, trata-se da “Educação DESENHO”.

Sabe-se que representar graficamente um objeto significa adentrar sua natureza, concebendo-o como uma coisa viva e que integra o ambiente, dando-lhe também a vida. Registrar graficamente a natureza do objeto implica num esforço biológico onde relações e interações matemáticas, físicas e espirituais se fazem integralmente presentes, desvelando entidades que configuram um sistema epistemológico de teoria e prática, de modo unitário que se torna difícil ou quase impossível de serem separadas umas das outras. É o que a criança faz ao desenhar, ela se torna única com o lápis e o papel. Quando a criança imagina o objeto a ser desenhado, coloca nele suas emoções e sua percepção particular do mesmo. Cada criança vê o mesmo objeto, mas o desenha de maneiras diferentes.

Ao desenhar, a criança está inter-relacionando seu conhecimento objetivo e seu conhecimento imaginativo. E quando se apropria das convenções do desenho, a criança está aprimorando esse sistema de representação gráfica. Isso não quer dizer que ela deva representar os objetos de um modo mimético, mas que, em sua interpretação do espaço, ela pode valer-se de recursos ilusórios, tal como um artista. (PILLAR, 1996,p.51) O desenho é concebido com uma habilidade que pode ser aprendida, na visão de Betty⁵, que sugere que a mudança do desenho se dá pelo olhar e que para se desenhar alguma coisa é necessário tirar uma “fotografia mental” e reter a imagem na memória. O desenho funciona como fonte básica para a formação do educador, como aprendizagem, como conhecimento. Este deve saber que o lado esquerdo do cérebro não deve interromper a tarefa do direito, pois enquanto o lado esquerdo usa palavras para desenhar, concebe as

⁵ EDWARDS, Betty. O desenho e a arte de andar de bicicleta. In: **Desenhando com o lado direito do cérebro**. Rio de Janeiro: Tcnoprint, 1986. P. 13-57 e 130-145.

coisas passo a passo, seleciona pequenas partes de informação, marca o tempo e tira conclusões baseadas na razão e nos fatos lógicos; já o direito é não-verbal, percebe as coisas tal como são, compreende relações, concebe sem senso de tempo, não se baseia em razões ou fatos, além de compreender as coisas e as situações de uma só vez.

2.1 As representações gráficas da criança.

As representações gráficas das crianças são formas de linguagem, e por isso passível de ser objeto de estudo por parte de pedagogos, psicólogos e educadores, mesmo porque, na amplitude de sua utilização, o desenho pode demonstrar inclusive o desenvolvimento mental da criança. Essas demonstrações ou classificações referem-se aos estágios e fases do desenvolvimento gráfico infantil, tem em vista parâmetros sociais, culturais, psicológicos e pedagógicos⁶.

Há vários métodos de análise para compreensão do desenho da criança em geral os professores adotam uma ou outra classificação quando se deparam com algum desenho da criança e este muitas vezes, intimida o adulto que, diante dos indecifráveis rabiscos, minimiza o universo que o desenho representa e significa para a criança. O adulto não sabe como penetrar num universo que lhe é tão estranho, ou melhor, esquecido, pois o adulto também já foi criança. Evitar teorias e conceitos seria uma forma de negar a natureza epistemológica do adulto e da criança nas suas mais variadas manifestações expressivas. É necessário que o adulto vivencie essa linguagem, que é o ato de desenhar e não dá para se falar de processo sem nunca ter passado por ele. Para o adulto se relacionar bem com o universo infantil, é preciso que ele reconheça em si a capacidade de exercer o ato criativo. É por isso que o desenho não deve ser compreendido como algo elitista ou restrito⁷. Não se pode esquecer o papel que o Desenho desempenha nos ensinamentos fundamental e médio. É um equívoco restringir o desenho ao seu aspecto projetual.

Determinadas fases do desenho infantil são reconhecidas comumente, independentemente da formação e criação do indivíduo, identificando-se aspectos visuais nas representações gráficas. Toda criança precisa encontrar-se inserida num ambiente onde estejam disponíveis, lápis, papel, tinta, cola etc. e cada um desses elementos em seu determinado tempo também terá seu significado e importância para a criança. O cérebro não visualiza as partes, ele tem a visão do todo. Assim, quando a criança desenha, ela o faz como um todo: ela, mãos, lápis, corpo e o desenho são um só objeto. Algumas etapas são características da criança, como o risco, o rabisco, a garatuja, até chegar a um ensaio de representação com um significado concreto, variando com significado concreto, variando com a idade e o meio em que ela se encontra, bem como os parâmetros psicológicos e pedagógicos que lhe sejam disponíveis. Para Derdyk⁸, o desenho do adulto e o desenho da criança não são estanques, ambos participam do

⁶ DERDYK, Edith. **Processo de aquisição da linguagem gráfica.**

⁷ GOMES, Luiz Vidal Negreiros. **Criatividade. Projeto <Desenho>Produto.** Editora Shuds. Rio Grande do Sul. 2004.

⁸ DERDYK, Edith. **Processo de aquisição da linguagem gráfica**

patrimônio humano de aquisição de conhecimento, complementando-se. A criança desenha, entre outras tantas coisas, para se divertir. Um jogo que não existe companheiros, onde a criança é dona de suas próprias regras. Nesse jogo solitário, ela vai aprender a estar só, “aprender a só ser”. O desenho é palco de suas encenações, a construção de seu universo particular comunicando-se com o mundo ao seu redor.

A criança é fiel às suas necessidades, espontaneidade que gera verdade. Seu desenho, atividade do imaginário, sob signos⁹, representa novos significados até da própria realidade vivenciada. A magia do desenho prolonga e estimula o prazer, com gestos que a criança passa a dominar e reinventar, até que este ato se torne natural, interagindo e estabelecendo sua realização com o objeto desenhado e com o mundo. O mundo se torna um prolongamento da mão pelo desenho. O real e o imaginário na criança são elementos que se entrelaçam mediante sua mente criativa, o que pode ser visível nas suas representações gráficas, onde ela conta através do desenho uma história que pode variar entre o símbolo, os desenhos representados e o simbólico. Para Ferreira¹⁰, a imaginação é uma atividade mental que se desenvolve gradualmente e está vinculada à realidade significativa, assim afirmando:

Ela cria figurações para representar os objetos que lhe transmitem sentido e essas mesmas figuras criam novos campos de realidade.(...) A imaginação é uma atividade mental que se desenvolve gradualmente e está vinculada com a realidade significativa.(p.42).

Pode-se concluir que nas representações gráficas das crianças está contida toda uma simbologia dos seus anseios, idéias, uma variedade de elementos representantes do seu cotidiano e do seu imaginário enriquecido pelo conjunto de diversas formas e cores que lhes podem refletir. Os elementos gráficos, conjuntamente com a fala, ajudam a desvendar a simbologia das suas produções gráficas.

Na evolução da criança a ação do educador se concretiza e não existe idade para a criatividade¹¹. Para esta, o que importa é que explore suas faculdades criadoras espontâneas. Ela é um artista privilegiado porque criar é para ela uma função natural mas este estado de graça no qual se exprime é vulnerável e exposto a todas as influências do “mundo adulto” ameaça. E este não é fechado e reservado às crianças, é o mesmo mundo dos adultos, mas para a criança ele aparece ter proporções, qualidades e perspectivas particulares. Ela é menor que o adulto e, portanto, vê os mesmos objetos sob um ângulo diferente, parecem-lhes maiores, mais significativos, por vezes misteriosos e outras vezes mais familiares. Sabe-se que os adultos não mantêm com alguns objetos as mesmas relações que uma criança: “... a natureza do sistema do desenho vincula-se à criação de símbolos para expressar visualmente idéias, sentimentos, sensações e

⁹ PROLIBERAM. **Dicionário da Língua Portuguesa/ online**; acessado em 30/05/06, 11:02h. Unidade principal constitutiva da linguagem humana, representada pela associação entre um significado e um significante, ou seja, entre conceito e uma imagem acústica.

¹⁰ FERREIRA, Sueli. **Imaginação e Linguagem no desenho da Criança**. Campinas SP.Ed. Papirus, 1998.

¹¹ STERN, Arno. **Sobre a pintura infantil**.

fantasias. Os símbolos são pessoais e guardam uma semelhança com o referente, por isso se diz que o desenho mantém um vínculo analógico com o objeto representado” (PILLAR, 1996).

Contudo, é importante que a criança desde cedo comece a ter contato com objetos diversificados e com outras culturas, para que ela por si só irá amadurecendo e criando seus próprios símbolos, vendo-os de uma maneira muito particular.

Acredita-se que a variedade de objetos artísticos, aos quais a criança tem acesso desde cedo, beneficiam seu desenvolvimento artístico. O convívio com obras de distintas culturas também pode flexibilizar e relativizar a existência de padrões, mostrando sua mobilidade no tempo e sua variedade nos diferentes grupos sociais. (Cavalcante, Zélia. Arte na sala de aula. P.12 1995).

Os símbolos criados pelas crianças são o resultado das suas observações e vivências, que, a depender do contexto cultural onde ela vive, refletirão nas suas representações gráficas.

Os signos, presentes no desenho da criança, agrupam-se e aproximam-se, permitindo ao interprete uma percepção aberta e combinatória levando em conta que as imagens figurativas do desenho da criança não são colocadas numa relação com o mundo concreto exterior, porque elas se apresentam não como aquilo que a criança vê, mas como aquilo que a criança conhece e imagina (Ferreira, 1998.p.17) 13.

O desenho infantil é uma das primeiras manifestações espontâneas da criança, não precisa seguir regras, ela simplesmente pega o lápis e com sua coordenação motora faz seus primeiros rabiscos, procurando sempre representar aquilo que a cerca. O desenho de uma criança é algo que surge espontaneamente; ao desenhar, ela não faz cópia do que vê ou do que observa, apenas faz o que a sua mente criadora quer representar. Os traços no papel vão surgindo em um ato quase semelhante a um bailar dos traços; ora firmes, ora gracejantes e trêmulos, de um lado para o outro do papel, linhas contorcidas, em baixo, acima, vão surgindo as suas impressões, a criança mexe na cadeira, levanta, senta, faz careta, fala, dando vida ao desenho. Ao desenhar um carro, por exemplo, gesticula e faz com a boca o som do motor é o ato de dar vida ao seu desenho. É assim é com as suas imagens: o ato de desenhar normalmente vem acompanhado de um som; é a interação da criança com o brinquedo. Ao brincar, ela pega o objeto, e este em suas mãos, ganha fala e movimento: assim também com os seus desenhos. Tanto o lúdico quanto a fantasia são importantes no desenvolvimento artístico. Para Sans¹⁴(9), a fantasia expande a faculdade criadora, tornando-se importante ao ser humano (1995,p.52); sendo assim, a fantasia impulsiona a criatividade, trazendo idéias inovadoras.

3 Desenvolvimento do trabalho

¹² CAVALCANTE, Zélia.Coord. **Arte na sala de aula: O desenho cultivado da criança** (Rosa Iavelberg).

¹³ FERREIRA, Sueli. **Imaginação e Linguagem no desenho da Criança**. Campinas SP.Ed. Papirus, 1998.

¹⁴ SANS,Paulo de Tarso Cheida. **A criança e o artista: fundamentos para o ensino das artes plásticas**.

A escolha dos desenhos se deu a partir da observação do desenvolvimento bio-motor da criança. Esta pesquisa foi realizada englobando alguns desenhos tanto realizados na escola quanto realizados espontaneamente em casa. A sustentação teórica deste trabalho é baseada nas idéias de Boscaini, principalmente sua obra denominada Psicomotricidade e Grafismo da Grafomotricidade à Escrita.

Neste trabalho, analisam-se os aspectos sociais, neurológicos, fisiológicos e motor das crianças, que influenciam e se articulam na construção dos desenhos. Fez-se necessário, neste contexto, esclarecer o que se entende por pré-desenho no decorrer do presente trabalho, significando assim tudo aquilo que a criança faz por prazer ao riscar o papel e que isto significa um amadurecimento da sua evolução grafológica. O desenvolvimento bio-motor dá-se durante a evolução da motricidade no desenvolvimento biológico, auxiliando na grafia da criança na fase pré-escolar

4 Conclusão

A evolução é um processo inerente ao homem e a medida de seu espaço-tempo este se modifica, bem como suas estruturas humanas. O meio social em que este está inserido também sofre transformações.

Enquanto criança, a evolução gráfica do homem dar-se-á de acordo com o estímulo-influência-meio. A base essencial da sua escrita será o desenvolvimento psicomotor. Ressalto a importância de conhecer estudos e desenvolver projetos e pesquisas na área podendo ajudar a ampliar as pesquisas bem como auxiliar mães, educadores e interessados de forma qualitativa.

Ao rabiscar, a criança co-habita um mundo que vai além de si mesmo, onde todo o seu corpo participa de forma incisiva no processo gráfico. Em seus desenhos, esta conta claramente seus pensamentos e transmite as informações do seu eu e do seu meio. O desenho torna-se sua linguagem, destituída de valor educacional, mas constituída de valor expressivo, imagético e emotivo. O desenho da criança constitui-se assim enquanto seu elemento libertador.

Ainda que informalmente, em suas “danças” o aprendizado ocorre de forma a beneficiá-la a posteriori no processo educacional formal que se seguirá. Derdick, Cintra, Lowenfeld, foram os pioneiros, mas cabe a nós continuar a reconstruir a leitura de linguagem não-formal da criança, “interferindo” de forma decisiva na construção da formação de seu saber sensível para que esta esteja pronta quando em idade de inserção na formação de educação formal.

5 Agradecimentos

Em Especial ao Programa de Pós-Graduação em Desenho da UEFS e a seus professores, ao Núcleo de Desenho (UEFS), ao Departamento de Letras e Artes e ao Colegiado de Letras também desta Instituição que me acolheu na graduação e deu-me a oportunidade de realizar a Pós- Graduação nessa área tão fascinante que é o Desenho.

6 Referências

- [1] BOSCAINI, Franco. **Psicomotricidade e Grafismo- da grafomotricidade à escrita**. Sete Letras. Rio de Janeiro,1998.
- [2] CAVALCANTE, Zélia. Coord. **Arte na sala de aula: "o desenho cultivado da criança"**. Rosa Lavelberg. Porto Alegre: Artes Médicas,1995.
- [3] DAMASCENO, Manoelito. **Desenho Uma Reflexão Conceitual**. Artigo. Professor da UFBA.
- [4] DERDYK, Edith. Processo de aquisição da linguagem gráfica. Editora Scipione, São Paulo, 1996.
- [5] EDWARDS, Betty. O desenho e a arte de andar de bicicleta. In: **Desenhando com o lado direito do cérebro**. Rio de Janeiro: Tcnoprint, 1986. P. 13-57 e 130-145.
- [6] FERREIRA, Edson Dias. Desenho Conhecimento: em direção a construção de sua epistemologia. Anais do IV congresso Internacional de Engenharia Gráfica nas Artes e no Desenho e 14º Simpósio Nacional de Geometria Descritiva e Desenho Técnico. Ouro Preto, MG, 2000.
- [7] FERREIRA, Sueli. **Imaginação e linguagem no desenho da criança**. Campinas- SP: Papyrus, 1998.
- [8] GOMES, Luiz Vidal Negreiros. **Criatividade, projeto <Desenho> produto**. Editora Shuds. Rio Grande do Sul. 2004.
- [9] GOMES, Luiz Vidal Negreiros. **Desenhismo**. Santa Maria. RS: Editora da UFMS, 1996. p. 99-109.
- [10] MOREIRA, Ana Angélica Albano. Em Busca do Desenho. In: **O espaço do Desenho: A educação do educador**. 3ª ed. São Paulo: Ed. Loyola.
- [11] PILLAR, Analice Dutra. **Desenho e Construção de Conhecimento na Criança**. Porto Alegre. Artes médicas, 1996.
- [12] RAMOS, Menandro. Desenho - um ensaio de abordagem. Artigo. Professor da UFBA. SOUZA, Ana Rita; AMARAL, Maria da Conceição. Epistemologia do Desenho. (História, evolução, significados e fundamentos filosóficos). Anais do I Congresso Internacional de Engenharia Gráfica nas Artes e no Desenho e 12º Simpósio Nacional de Geometria e Desenho Teórico. Ouro Preto, MG.
- [13] SANS, Paulo de Tarso Cheida. **A criança e o artista: fundamentos para o ensino das artes plásticas**. 2 ed. Campinas- SP: Papyrus, 1995.
- [14] SILVA, Sílvia Maria Cintra da. **A Constituição Social do Desenho Infantil**. Dissertação de Mestrado. UNICAMPI: Faculdade de Educação, 1993.
- [15] SOUZA, Ana Rita; AMARAL, Maria da Conceição. Epistemologia do Desenho. (História, evolução, significados e fundamentos filosóficos). Anais do I Congresso Internacional de Engenharia Gráfica nas Artes e no Desenho.
- [16] STERN, Arno. **Aspectos e Técnicas da Pintura de Crianças-Sobre a pintura infantil**. Lisboa. 1974.